



Dissonância

revista de teoria crítica

ISSN: 2594-5025

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

Universidade Estadual de Campinas

www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/teoriacritica

Título	Georg Simmel
Autor	Georg Lukács
Tradutora	Mariana Teixeira
Fonte	<i>Dissonância: Revista de Teoria Crítica</i> , v. 2 n. 2, Dossiê Marx & Simmel, 2º semestre de 2018
Link	https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/teoriacritica/article/view/4323

Formato de citação sugerido:

LUKÁCS, Georg. “Georg Simmel”. Tradução de Mariana Teixeira. *Dissonância: Revista de Teoria Crítica*, v. 2 n. 2, Dossiê Marx & Simmel, 2º semestre de 2018, p. 325-333.

GEORG SIMMEL

Georg Lukács

*Tradução de Mariana Teixeira**

Georg Simmel foi, sem dúvida, a figura de transição mais significativa e interessante de toda a filosofia moderna. Por esse motivo, exerceu tal atração sobre os pensadores com aptidão verdadeiramente filosófica da nova geração (que são mais do que meros especialistas astutos ou diligentes em disciplinas filosóficas singulares) que não há, entre eles, quase nenhum que não tenha sucumbido ao encanto de seu pensamento, seja por um curto ou longo período de tempo. Por essa mesma razão, porém, apenas muito raramente essa atração foi duradoura: Simmel não teve, como Cohen, Rickert ou Husserl, “discípulos”; ele foi um grande instigador, mas não um grande educador, nem – e isso nos já aproxima do cerne de sua essência – um verdadeiro arrematador.

Costuma-se chamar Simmel – com intenção tanto apologética quanto depreciativa – de espirituoso. Por mais correta que seja, esta designação não atinge porém de forma

* Mariana Teixeira é pesquisadora de pós-doutorado na Freie Universität Berlin e coordena a área de pesquisa “Politics of Conviviality” no Mecila (Maria Sibylla Merian Centre: Conviviality-Inequality in Latin America). Contato: m.teixeira@fu-berlin.de.

alguma a essência de sua personalidade filosófica. Simmel era, de fato, espirituoso no sentido comum do termo, e se podem citar dele páginas e páginas de ditos comparáveis aos dos maiores mestres da galhofa; o decisivo de seu espírito, contudo, jaz em um nível mais profundo: trata-se de um espírito filosófico no sentido mais genuíno e não falseado, como apenas os maiores possuíram. Essa riqueza de espírito significa a apreensão veloz e a expressão surpreendente e lapidar de um fato filosófico ainda não descoberto, a capacidade de ver o menor e mais insignificante fenômeno da vida cotidiana tão fortemente *sub specie philosophiae* que ele se torna translúcido e por trás de sua transparência torna-se visível uma eterna conexão de formas de sentido filosófico.

Simmel possuía em grau excepcional este dom supremo do filósofo – como é possível que, ainda assim, ele tenha se tornado apenas um brilhante e “espirituoso” instigador, e não um filósofo realmente grande, que realmente marca época? A razão deste malogro diante do auge designa ao mesmo tempo o ponto onde estavam ancoradas as mais ricas e fecundas capacidades de Simmel: pode-se mencionar, enfatizando os aspectos positivos aí contidos, sua ilimitada e incontida sensibilidade; se se quiser descrever com precisão os limites da sua essência que aí se revelam, deve-se falar de uma falta de centro, de uma incapacidade de tomar decisões derradeiras e sem mediações. Para resumir grandeza e limite em uma frase: Simmel é o maior filósofo de transição da nossa era; é o verdadeiro filósofo do impressionismo. Não que ele tenha apenas conceitualizado o que o desenvolvimento impressionista da música, das artes plásticas e da

poesia expressou; sua obra é muito mais do que uma formulação conceitual da intuição impressionista do mundo; é a figuração filosófica do sentimento do mundo a partir do qual surgiram as maiores obras dessa tendência, uma conformação tão problemática da essência do período que imediatamente nos antecede quanto a que está presente nas obras de um Monet ou Rodin, de um Richard Strauss ou Rilke.

Por sua própria essência, todo impressionismo é uma forma de transição: recusa por princípio, e não por incapacidade de alcançá-lo, o fechamento, a conformação última criada pelo destino e dele criadora. (Esta determinação aplica-se, evidentemente, apenas aos maiores representantes do impressionismo; nos epígonos e imitadores trata-se sempre de impotência habilmente mascarada). O impressionismo concebe e julga as formas grandiosas, rígidas e eternas como sendo violadoras da vida, de sua riqueza e seu colorido, sua abundância e sua polifonia; é sempre um enaltecendor da vida e coloca todas as formas a serviço dela. Com isso, porém, a essência da forma tornou-se problemática. O empreendimento heróico e trágico dos grandes impressionistas consiste precisamente no fato de constantemente exigirem e imporem à forma – da qual não podem escapar, pois é o único meio possível de sua existência essencial – algo que contradiz sua determinação, que a suspende [*aufhebt*]: se deixa de ser fechada, soberana e plena em si mesma, a forma deixa de ser forma. Não pode haver uma forma servil, aberta em direção à vida.

Apesar desta incessante dificuldade, surgiu nas obras dos grandes impressionistas do século XIX uma abundância de valo-

res eternamente inalienáveis. Pois, por mais fechadas e avessas à vida que devam ser as formas eternas em sua plenitude, é-lhes continuamente necessário, porém, recorrer à vida, tentar apanhá-la em toda a sua diversidade, de modo que a obra – agora soberanamente plena em si mesma – seja uma verdadeira obra, um mundo autossuficiente, um microcosmo. E todo grande movimento impressionista nada mais é do que o protesto da vida contra as formas que se tornaram demasiado enrijecidas, e, nesse enrijecimento, demasiado frágeis para poder incorporar criativamente a abundância da vida. Entretanto, uma vez que se detêm nessa apercepção intensificada da vida, trata-se, por sua própria essência, de fenômenos de transição: preparam o caminho para um novo classicismo que eterniza a abundância da vida, tornada perceptível por sua sensibilidade, em formas novas, rígidas e severas, mas que tudo abarcam. Deste ponto de vista, a situação histórica de Simmel pode ser formulada da seguinte maneira: ele foi um Monet da filosofia, a quem não se seguiu, até hoje, nenhum Cézanne.

O estado da filosofia com o qual Simmel se deparou era o mais desolador que se pode imaginar: a grande tradição da filosofia clássica alemã parecia ter se perdido; os *outsiders* significativos da época (Nietzsche, Hartmann) mantinham-se desgarrados e inócuos na maré alta do materialismo e positivismo mais estéreis e sem alma. Para uma suscetibilidade filosófica, nenhum outro caminho parecia estar aberto a não ser a intensificação da sensibilidade na reconstituição histórica de épocas e pessoas passadas (como em Dilthey), pois mesmo os primórdios do neo-idealismo ora florescente tinham de despertar

a impressão de que sua ênfase estrita no Eterno Apriori significava uma violação da abundância da vida e que sua vitória só poderia ser a vitória do monismo formal e metodológico sobre o monismo substancial da filosofia então dominante. A importância histórica de Simmel reside no fato de que ele foi o representante mais lapidar do pluralismo metodológico desde os seus primórdios; o *pathos* do seu filosofar surgiu do estupefato reconhecimento da multiplicidade infinita de possibilidades de posições [*Setzung*] e representações [*Gegenständlichkeit*] filosóficas. “Há muito poucas categorias, assim como há muito poucos gêneros”, disse certa vez. É certo que esta afirmação descreve ao mesmo tempo, com toda a clareza, os limites da sua essência. Para ele, a descoberta da pluralidade de posições filosóficas é objetivo final e fim em si mesmo, não um meio de encontrar um sistema diversificadamente organizado e, ainda assim, unitário. Simmel foi frequentemente chamado de relativista por conta dessa tendência pluralista, não sistemática, de seu pensamento. A meu ver, isso não se justifica. Pois relativismo significa duvidar da validade incondicional de posições singulares possíveis (por exemplo: ciência, arte) e é, portanto, completamente independente da questão de nossa imagem do mundo ter um caráter monista ou pluralista. Simmel, por outro lado, agarra-se ao caráter absoluto de cada posição singular, considera cada uma como necessária e incondicional, mas não acredita que possa haver qualquer posicionamento *a priori* sobre o mundo que realmente abarque a totalidade da vida. Cada uma oferece apenas um aspecto; um aspecto *a priori* e necessário, ainda assim apenas um aspecto e não a totalidade mesma. Aqui, o que separa Simmel do

sistema pluralista e não obstante unificado de filosofia almejado hoje é justamente o fato de ele se deter na constatação dos aspectos singulares. Isto se deve em parte ao seu deleite pelo que é qualitativo e peculiar, ao prazer em descobrir diversos domínios peculiares onde, em seu entorpecimento, os demais haviam visto apenas uma unidade indivisa, e provavelmente também a uma apreciação genuinamente impressionista de sua própria sensibilidade, mas tem sua razão decisiva no fato de que, para Simmel, a instância final sempre permaneceu como algo além de toda posição: a vida, da qual a posição somente pode oferecer aspectos. (Esta é a base da conexão entre seu pensamento e o de Bergson.) Esses aspectos singulares encontram-se nas mais diversas e intrincadas relações entre si, e Simmel emprega toda sua fina sensibilidade e agudeza intelectual para desenredá-las. No entanto, como – por causa de sua disposição final e por princípio – essa rede de relações recíprocas deve permanecer um labirinto e não pode se tornar um sistema, a perspicácia de Simmel em desvendar, desenredar e reconectar novos fios e emaranhados adquire a aparência do lúdico, e sua hipersensibilidade diante de novas qualidades incessantemente descobertas, a de um virtuosismo monótono. Mas a nova filosofia, por mais resolutamente que se afaste do posicionamento último de Simmel, nunca poderá passar ao largo de suas descobertas de fatos filosóficos.

A natureza do talento de Simmel torna compreensível por que seus valores mais duradouros sejam de tipo sociológico e de filosofia da história. A peculiaridade das duas disciplinas repousa sobre a interpenetração mútua de pontos de vista heterogêneos

em uma nova unidade, sobre os efeitos recíprocos [*Wechselwirkung*] entre condicionado e incondicionado. Se, antes de Simmel, a sociologia – sobretudo a marxiana, que foi decisiva também para o seu posicionamento – tinha a tendência de dissolver todo atemporal-incondicionado (religião, filosofia, arte) no temporal-condicionado, a unilateralidade e fraqueza das maiores concepções de filosofia da história da época clássica, como a de Hegel, residiam no esforço de incorporar a temporalidade da história de maneira completa e indivisível na incondicionalidade de relações puramente *a priori*. A importância de Simmel para a sociologia – penso antes de tudo na sua *Filosofia do dinheiro* – reside no fato de que ele leva mais longe e aguça mais sutilmente do que foram capazes todos antes dele a análise das condicionalidades, ao mesmo tempo em que torna visível com uma nitidez inimitável sua reversão e autolimitação, seu deter-se diante daquilo que não se deixa condicionar. Uma sociologia da cultura tal como empreendida por Max Weber, Troeltsch, Sombart e outros – por mais que todos se afastem metodologicamente de Simmel – apenas se tornou possível sobre o terreno por ele criado.

É certo que mesmo a sociologia de Simmel é apenas um “experimento”, e não um fechamento; sua “sociologia” carrega o selo de seu impressionismo de modo ainda mais forte do que o grande ensaio sobre o dinheiro; e suas incursões pela filosofia da história já são, de maneira ainda mais evidente, concebidas como fragmentos. A inovação de sua abordagem mostra-se muito menos em suas obras de teoria da história do que em suas tentativas de olhar filosoficamente para as figuras singulares da história. O modo como Simmel apreende Goethe e Kant,

Michelangelo, Rembrandt e Rodin não é o do historiador, que os coloca em uma continuidade temporal de desenvolvimento ou os considera como figuras de uma época determinada, nem a do sistemático, que disseca a obra deles em sua normatividade *a priori*, liberada de toda temporalidade, mas sim a do filósofo da história, para quem cada uma dessas grandes figuras é ao mesmo tempo algo único, que não se repete, e uma categoria *a priori*. O impressionismo de Simmel vê em cada um desses gênios uma possibilidade singularmente determinada mas ao mesmo tempo eterna e *a priori* de posicionamentos sobre a totalidade da vida: seu pluralismo não se refere apenas aos tipos singulares de posição, mas também às realizações singulares dentro de cada tipo de posição. A imagem de mundo de Goethe é tão apriorística e necessariamente distinta da de Kant quanto a formação de conceitos da história o é da das ciências da natureza. Mas como o impressionismo de Simmel é genuína e profundamente filosófico, cada uma dessas imagens de mundo torna-se algo absoluto; assim como a pluralidade das posições não é capaz de superar [*aufheben*] a validade incondicionada de cada posição singular em sua esfera própria, dessa multiplicidade tampouco surge um relativismo: a “categoria” Rembrandt é tão absoluta quanto a “categoria” Michelangelo; a essência metafísica do mundo consiste não apenas em permitir, mas também em exigir a multiplicidade de tais “categorias”. O caráter decisivamente fecundo dessa abordagem para a filosofia da história é algo que infelizmente não pode ser aqui nem mesmo insinuado; muito menos a relação de Simmel com as tentativas que o sucederam nessa direção. Mas também aqui a essência de sua personalidade se mostra em seu

impacto: ninguém deu diretamente prosseguimento ao seu caminho, mas ninguém pôde, nem pode, empreender algo de essencial na filosofia da história sem ter passado por essa abordagem.

Publicado em 30/09/2020

Original: LUKÁCS, G. “Georg Simmel”. *Pester Lloyd: Morgenblatt*, 65 (230), 2 de outubro de 1918, p. 2-3; republicado em: LUKÁCS, G. “Erinnerungen an Georg Simmel von Georg Lukács”, in: Gassen, K., Landmann, M. (orgs.). *Buch des Dankes an Georg Simmel: Briefe, Erinnerungen, Bibliographie*. Berlin: Duncker & Humblot, 1958 [1918], p. 171-176.

Tradução gentilmente autorizada por Zoltán Mosóczi (The Lukács Estate). Translation kindly authorized by Zoltán Mosóczi (The Lukács Estate).

Nota da tradutora: Uma versão em português deste texto veio a público em 2001 no posfácio de Filosofia do amor, coletânea de escritos de Simmel publicada pela editora Martins Fontes. Diferentemente da tradução de Eduardo Brandão, que tomou a versão francesa como base, o texto aqui apresentado foi traduzido diretamente do original alemão. Gostaria de agradecer a Arthur Bueno pelo apoio em todas as fases da produção deste texto.